



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RELEMBRANDO O PASSADO: FUNDAMENTAÇÃO ENTRE OS CIGANOS DA CIDADE ALTA, LIMOEIRO DO NORTE – CE¹.

Lailson Ferreira da Silva

Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN.

E-mail: layllson@yahoo.com.br

Por volta da década de 1980 os ciganos da família Alves dos Santos estabeleceram residência fixa no bairro Cidade Alta localizado no município de Limoeiro do Norte, distante cerca de 200 km de Fortaleza.

As irmãs Zeiná Alves dos Santos, falecida no ano de 2008, e Zuleide Alves dos Santos, foram as primeiras a chegar, juntamente com os seus filhos, não retomando mais a vida de andarilhos. Seus filhos casaram entre os de sua própria comunidade, com parentes de outras cidades ou não-ciganos da comunidade onde residem, constituindo novas famílias.

Cada uma chegou com quatro filhos. Os de Dona Zeiná, com exceção de Laertí, ainda moram na Cidade Alta: Diomédio, Bonfim e Laení. Enquanto os filhos de Dona Zuleide residem todos no bairro: Carnerim, Santos, Jucileide e Ducileide.

Atualmente, os pertencentes à família Alves dos Santos são um total de 28 indivíduos divididos em oito unidades de residências², não formadas exclusivamente por ciganos, ou seja, há famílias compostas pela união de um cigano e um(a) não-cigano(a).

Essas unidades de residências se caracterizam internamente pela presença dos pais enquanto aqueles que direcionam os fluxos cotidianos dos que ali habitam, seja controlando os horários dos filhos chegarem a casa, responsabilidade por suprirem a casa de alimentos, entre outros; e, externamente, pelo compartilhamento de assuntos que dizem respeito aos demais parentes.

¹As questões, aqui apresentadas foram desenvolvidas na minha dissertação de mestrado: “Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos da Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2010.

² O uso da expressão “os Alves dos Santos” deve-se ao fato de que no bairro Cidade Alta reside outra família de ciganos descendentes do seu Cabó. Mas que essa não foi estudada durante a pesquisa que realizei no mestrado.



Assim, cada unidade residencial é autônoma para tomar as suas decisões. Ou seja, não há uma liderança que oriente a conduta dos indivíduos como acontecia no passado quando eram andarilhos.

Hoje, acabou. Não tem mais esse negócio de chefe. E se fosse ter, o chefe seria pelo mais velho. Era pra ser o Justino, né. Mas só que não é mais. Cada um é chefe de sua casa. Já aprendemos como vocês (Maria da Conceição Alves dos Santos, jul/04).

Feitas essas considerações, é preciso destacar que o processo de sedentarização desses ciganos no bairro foi marcado por uma série de mudanças de ordem social e cultural. Tais transformações ocorreram com o propósito de promover uma maior aceitação por parte da população local que não via com bons olhos a chegada de ciganos no bairro.

Essa resistência por parte dos moradores era baseada na associação entre a condição étnica desses sujeitos sociais a determinadas imagens de cunho negativo, que se reportavam a estigmas.

Tinha, tinha. Mas já por esse motivo. Porque o povo tinha o complexo, o medo da agressividade deles, que eram mal. Porque o nome cigano vem de tradição que seriam pessoas corruptas. Era pessoa que mexia no que era dos outros, pessoas que matava simplesmente, que invadia. Então, o povo sempre teve esse medo. Então, quando eles chegaram por aqui, a galera daqui passaram a temer de alguma forma. Até jogo de futebol, temia porque eles eram ciganos. Mesmo que eles não agissem de forma no momento, mas tinha aquele peso, sabe (Damião Ferreira de Sousa, Bião, instrutor de musculação, ago/09).

Erving Goffman (1963), ao desenvolver o conceito de estigma, afirma que:

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu defeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...] (GOFFMAN, 1963, p. 12).

Segundo Goffman (1963), isso acontece porque a sociedade estabelece os meios para classificar as pessoas e os atributos tido como naturais, comuns, aceitáveis. E, toda vez que os indivíduos ou grupos não se encaixam nessas categorias, são



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

considerados indesejáveis e, por conseguinte diz-se que possuem um estigma. O estigma é, portanto, um *atributo profundamente depreciativo*, utilizado para identificar os indivíduos através de estereótipos que correspondem às “desvantagens sociais”.

Logo, o estigma compreendido enquanto um atributo negativo surge relacionado a determinadas representações coletivas, ou seja, formas de classificação social que são elaboradas a partir da interação cotidiana. Construindo a partir de uma linguagem objetiva, o estigma passa a interferir nas relações sociais, promovendo sutilmente a segregação social.

Diante disso, os ciganos foram deixando de lado práticas reconhecidas pela população local como sendo compositoras de uma “ciganidade”. A exemplo: atividades de trocas exercidas pelos homens, o uso de roupas longas pelas mulheres, o uso da linguagem cigana.

Logo, passaram a organizar a sua vida sociocultural de acordo com os padrões e modelos fornecidos pela população local. Atualmente, os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de Limoeiro do Norte ou municípios vizinhos. As mulheres cuidam do lar e dos filhos. E as crianças e adolescentes em idade escolar estão matriculados nas escolas do bairro ou do centro da cidade.

Mas tais mudanças não são percebidas apenas no plano objetivo, ou seja, nas práticas cotidianas assimiladas pelos ciganos. Com o passar dos anos esses sujeitos passaram a compartilharum discurso de igualdade por compreenderem que do ponto de vista objetivo não diferem dos demais moradores da comunidade. Em outras palavras, os ciganos se definem em termos de igualdade diante da população local.

É assim, eu acho que eu sou igual em tudo, né. Porque na maneira de falar, na maneira de ser morador aqui dentro da minha casa. Porque foi nos mudemo muito. Tudo nós mudemo. Até o pensamento eu mudei. [...]Eu me acho igualzinho o pessoal da Cidade Alta (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, Ago/08).

Vale ressaltar que esse discurso é uma das formas pelas quais os ciganos são identificados pelos demais moradores da comunidade, já que estes compartilham a mesma forma de organização social da vida cotidiana.

Pronto, é na sociedade, também [ênfase na voz]. Eles. É hoje em dia isso por conta que eles estudam né? Olhe eles já vão a Igreja né? [...] Eles se vestem do mesmo jeito. Eles falam o mesmo jeito. Que a gente conversa com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

qualquer um da gente. Eles falam do mesmo jeito. Normal como qualquer pessoa (Maria Fátima de Sousa Lima, técnica em enfermagem, jul/09).

Em decorrência disso, os ciganos chegam a afirmar que não veem “nenhuma diferença” entre eles e os demais moradores da comunidade, bem como não procuram estabelecer, objetivamente, nenhuma forma de distinção. Logo, não têm necessidade de se auto afirmarem diante dos outros, ou seja, exaltar a sua condição étnica diante a população local.

Pra mim tanto faz saber que eu sou cigana. Que nós. Eu não vivo fazendo mal a ninguém. Nunca fiz. Nem ei de fazer, né. Aí, pra mim tanto faz saber como não, né, que eu sou cigana. As pessoas aqui. A cidade é pequena. Todo mundo sabe que a gente é cigano, né (Laení Alves dos Santos, set/09).

Por outro lado, os ciganos afirmam que mesmo diante do preconceito ou nas situações em que alguém se dirige a eles e os indagam acerca da sua condição, admitem que são ciganos, pois entendem que dizer o contrário significa negar a sua origem e, por conseguinte, a sua identidade.

Tem momento que não é tão bom dizer eu sou cigano, entendeu. Porque tem momento ali que você vê que aquela pessoa tem preconceito. Aí eu paro um pouco pra poder pensar. Porque às vezes irrita a pessoa, entendeu. Às vezes a pessoa irrita a pessoa. Aí se você pensar dá um passo atrás e pensar um pouco é melhor porque evita até algum assim, não é nem confusão. Eu digo assim, um aborrecimento. Evita até um aborrecimento. Mas nunca neguei, nunca neguei. Donde eu vim. Quem sou eu? Da minha origem, jamais eu vou negar. Dá onde eu vim? Quem sou eu? (Francisco Alves dos Santos, Santos, set/09).

Ao indagar-se acerca de sua origem, Francisco Alves dos Santos, conhecido popularmente como Santos, demonstra uma clara consciência étnica. Algo que mesmo não sendo recorrente no cotidiano familiar ou nas relações que estabelecem com os não-ciganos, demonstrou-se de maneira enfática nas conversas gravadas. Dito de outra maneira, eles insistem em continuar sendo ciganos.

Convém ressaltar que, diante do preconceito, há aqueles que preferem não ser identificados como ciganos. O que não implica em dizer que há, necessariamente, uma negação da sua condição de cigano, mas uma manipulação da identidade de acordo com as situações.

[...] Não. Eu acho ruim. Eu não quero ser identificada como cigana não. Por causa do preconceito (Jucileide Alves Pereira, set/09).



Nesse sentido, a identidade cigana deve ser pensada em seu plano simbólico, ou seja, enquanto algo que dá sentido a vivência dos sujeitos sociais e que pode se expressar ou não no momento de interação com outros grupos. Daí decorre a necessidade de entender como os ciganos fundamentam a sua ciganidade.

Tal situação nos reporta a perceber que a identidade é construída a partir das relações sociais e, não levando em conta a soma das diferenças objetivas ou o isolamento geográfico, pois é no momento de interação que as diferenças são melhores percebidas e onde se fomentam as fronteiras entre grupos. Por isso, ainda que as unidades étnicas pressuponham diferenças culturais, a cultura deve ser vista como um produto da ação do próprio grupo e não como condição básica para a sua definição (BARTH, 1998).

Nessa perspectiva, o principal objetivo deste artigo é promover uma reflexão acerca dos elementos que para os ciganos da família Alves dos Santos fundam a sua condição étnica no presente, tomando como referência elementos que estavam presentes em um passado em que tinha a vida marcada pelo nomadismo.

1. Passado: um ponto de referência

Como já foi citado anteriormente, os Alves dos Santos passaram por uma série de transformações ao longo do processo de sedentarização na Cidade Alta. No entanto, permanece entre eles um forte sentimento étnico que tem uma estreita relação com o passado e, por conseguinte, com uma memória coletiva presente entre aqueles que se identificam enquanto tais.

Nesse sentido, a compreensão desse sentimento nos levava a realizar viagens de outrora pelos caminhos das memórias desses ciganos. Vale ressaltar que tais memórias ao serem inter-relacionadas recompuseram nuances das histórias de vida desses sujeitos sociais que se veem e se pensam em perpetuação. Isso nos leva a enfatizar o que Pollak (1992) assevera, ou seja, que a memória é um fator essencial para o sentido de continuidade, seja individual ou coletiva.

Podemos dizer, portanto que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de



continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Nos relatos dos ciganos emergiam três elementos que para eles fundam a sua condição no presente. Estes são: o passado de andarilhos/história, a origem comum e o sangue. Vale destacar que esses elementos não podem ser pensados de forma separada e que, muitas vezes, um se confunde com outro.

Para os ciganos, desde o nascimento a vida foi marcada pelo nomadismo, uma vez que a maior parte dos ciganos mais velhos nasceram no meio do mundo. Logo, esse fato os impossibilita de negarem que são ciganos, mesmo diante das transformações socioculturais que sofreram ao longo do processo de sedentarização.

É claro né. É a nossa relação. [...]. Já nascemos pelo meio do mundo, andando pelo do meio do mundo né. Não tem como dizer assim: ah não sou cigano. Eu sou cigana. (Maria da Conceição Alves dos Santos, Peteca, ago/09).

Ao afirmar que é cigana, reivindica-se para si o reconhecimento de sua ciganidade e, por conseguinte, de sua história enquanto andarilha. Segundo Woodward (2000), isso acontece porque *para se reivindicar uma identidade é necessário também reivindicar uma história*.

Decerto a história “reivindicada” pelos ciganos na Cidade Alta está diretamente relacionada a um passado nômade. Não é por acaso que para a Dona Zuleide o que caracteriza uma vida de cigano é: *uma vida de cigano é se tivesse andado pelo meio do mundo*.

Essa relação entre “ser cigano” e passado nômade também foi constatada por Goldfarb (2004), entre os ciganos de Sousa – Pb. Nesse caso, a autora defende que o nomadismo apresenta-se enquanto traço definidor da identidade cigana tanto para os grupos de Sousa, como também para os demais grupos ciganos.

Na maioria das entrevistas, as pessoas relataram-me uma ligação entre o “ser cigano” e o passado nômade. As falas abaixo explicam a premissa que iguala “ciganidade” a nomadismo:

Eu sou cigano porque eu andava pelo mundo com todos, por isso eu só podia ser um cigano! Ser cigano é ter a vida que Deus deixou para nós, de **vocês morar e nós andar** pelo mundo (Valério, 72 anos, Grupo C).

Me considero um cigano. Porque acho bom a vida (de andar). Nós nascemos para andar, ambulantes, nos deram o nome de cigano, ficamos como cigano,



por isso nós tudo gosta de ser cigano. Ser cigano é um forasteiro, é um **viajante** (Raimundo, 45 anos, Grupo B).

[...] Ao contrário do que é comumente validado para os grupos indígenas, em especial os “índios do nordeste”, o território – sua posse e reivindicação – não representa para os ciganos de Sousa (bem como para os demais grupos ciganos) um elemento constituinte de sua identificação coletiva. O nomadismo, que significa o período de andanças dos grupos, é tomado como elemento definidor da identidade cigana [...] (Goldfarb, 2004, pp. 126- 7).

Ao elegerem o nomadismo como um dos traços que marcam a sua identidade, os ciganos da Cidade Alta pensam-se a partir de uma perspectiva de longa duração, ou seja, o fato de terem nascido ciganos é condição necessária para que nunca deixem de ser, já que também têm parentesco com outros ciganos.

Acho que é assim. Nós que é cigano nunca vamo deixar de ser cigano. Hora, isso vem de muitos anos. Acho que os avós eram ciganos. Aí a gente tem que ser cigano também. Se cigano pro resto da vida. Isso em nós nunca vai acabar (Jucileide Alves Pereira, set/09).

Aqui a memória e, por conseguinte, a história dão o sentimento de continuidade para estes sujeitos sociais. Dessa forma, atrelada a essa história de vida cigana, ou seja, uma história marcada pelo nomadismo, os ciganos fazem referência à origem comum expressa pelos antigos ciganos que viviam pelo meio do mundo.

Era porque meu pais era cigano, né. Meus avô era cigano. Eu convivi no meio deles. Aí eu não tenho como dizer que não sou. [...] Eu sou filha daquelas que andavam pelo meio do mundo né. Que viaja mais. Mais sou filha. Sou. (Laení Alves dos Santos, set/09).

Baseados nessa ideia de origem comum/história, os ciganos justificam a sua condição no presente, bem como destacam que possuem o mesmo sangue.

É justamente né. É aquilo que eu lhe disse, quem é não deixa de ser. Que eu não posso chegar e dizer, não, eu não sou cigana. Eu sou. Eu não vou negar meu sangue né (Iza Alves dos Santos, set/09).

Tomando como referência a consaguinidade, reforça-se mais uma vez a afirmação de sua ciganidade. O que também está presente entre os outros ciganos de sua família, tanto entre os mais velhos como entre os mais novos.

Baseado na perspectiva de Weber (2004), pode-se dizer que a articulação desses três elementos estabelece entre os ciganos um sentimento de “comunidade étnica” no sentido de estes sujeitos estão unidos por uma história, origem e sangue



comum. Logo, podem ser vistos como diferentes dos outros grupos com os quais convivem diariamente.

Entretanto, é preciso considerar que de acordo com os ciganos, a soma desses elementos é interpretada como indícios que os impossibilitam de negarem a sua condição no presente. Isso é perceptível na maioria das falas que foram apresentadas acima, bem como em outras tantas que surgiram no decorrer da pesquisa.

Logo, a preservação desses traços por meio de suas memórias é central para que estes sujeitos sociais reafirmem constantemente para si que são ciganos. Mesmo assim, cada um tem sua maneira de expressar esse sentimento “étnico”.

Essa constatação foi evidenciada ao longo de vários diálogos. Durante estes momentos, os ciganos expressaram esse sentimento étnico de formas variadas, uma vez que alguns falaram com entusiasmo e empolgação, outros foram mais objetivos e comedidos. Enquanto que entre os ciganos mais novos, tal sentimento está se diluindo com o passar dos anos.

Talvez, uma das motivações para que isso ocorra, seja o desconhecimento da história de vida andarilha de seus parentes mais velhos, pois alguns comentam que o que sabem é adquirido de maneira esporádica. O que os levam à dizer que os mais velhos não gostam de rememorar as longas caminhadas que fizeram ao longo da vida até o momento da sedentarização, preferindo, portanto, evitar falar a respeito do assunto para os mais jovens.

É, curiosidade a gente sempre tem, né. Mas não gosta muito de perguntar. Pra não lembrar muito assim, do passado deles; que alguns gosta de falar e outros não. Aí, a gente não pergunta. Fica de vez em quando ouvindo os outros e vai juntando as informações e vai sabendo o que aconteceu (Rubenigue Alves dos Santos, nov/09).

Esse desinteresse, por parte dos que vivenciaram a vida de andarilho pode ser motivado pelas dores causadas pelo ato de lembrar, uma vez que muitos dos acontecimentos passados são marcados por dificuldades de conseguir comida, lugares para se abrigarem em dias de chuva, doenças, mortes, conflitos com outros grupos ciganos, bem como com a população dos lugares por onde passavam.

Além dos mais, é uma estratégia de evitar com que os mais novos tomem conhecimento, de forma direta, da ocorrência de situações em que suas atitudes não se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

enquadravam nos modelos e padrões de “normalidade” aceitas pela sociedade mais ampla.

Em 2004³, os ciganos mais velhos expunham com mais desenvoltura o seu passado. Todavia, era um passado formalizado, ou seja, contrário às imagens estigmatizadas presentes na sociedade local.

Olhe, era uma vida boa. Só de negócio. Meu pai vivia de negócio. Meu pai conseguia as coisa e criei meu fi pra viver assim. Meu pai num gostava de negócio de roubo. Ele não dava valor. Gostava não. Aí, eu criei os filhos assim, também (Zuleide Alves dos Santos, jul/04).

Mesmo assim, o passado ainda é um ponto de referência para os mais velhos, pois à medida que fundamentam e legitimam a sua condição, os ciganos da Cidade Alta delimitam fronteiras simbólicas diante dos moradores da comunidade por meio de uma história de vida que é construída a partir de outros referenciais: nomadismo, descendência de outros ciganos/sangue.

Portanto, isso implica em perceber que a identidade enquanto um dado relacional é sempre marcada por um processo de diferenciação, ou seja, afirmar uma identidade significa negar outras com as quais nos deparamos cotidianamente. O que nos leva a reafirmar que a *construção da identidade é tanto simbólica quanto social* (WOODWARD, 2000), já que é no momento de interação que as fronteiras sociais são delineadas.

³ De 2004 a 2006 realizei uma primeira pesquisa com os ciganos desta família que resultou na elaboração da minha monografia de graduação: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: a construção e afirmação da identidade étnica dos ciganos da Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce. Monografia (Graduação). Curso de História, UECE/FAFIDAM, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Referências bibliográficas

- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocely. *Teorias de etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 187-227
- BESSA, José Rogério Fontenele. Os ciganos assentados em sobral: razões metodológicas da investigação científica. In: *REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ*: 1. Geografia, História, Antropologia: periódico. Fortaleza. v. 113. p. 504, 1999.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Persistência Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FAZITO, Dimitri. *Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Romanesthán (Nação Cigana)*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. *A identidade cigana e o efeito de “nomeação”*: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais.

Revista de Antropologia. v. 49; nº 2. São Paulo, USP, 2006.

_____. *Os ciganos na cidade: um estudo sobre o contato interétnico*. Belo Horizonte, UFMG, Monografia apresentado ao PES/CAPES (ms), 1995.

FERRARI, Florência. *O mundo passa: uma etnografia dos Calons e suas relações com os brasileiros*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2010.

_____. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004.

LE GOOF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTINEZ, Nicole. *Os ciganos*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MOONEN, Frans. *Rom, sinti e calon: os assim chamados ciganos*. n. 1, Recife, 2000. (Núcleo de Estudos Ciganos: E-texto)

MORAES FILHO, Mello. *Os ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos ciganos*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; SP: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

NOBRE, Geraldo. Ciganos no Ceará. In: CHAVES, Gilmar (Org.). *Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002. (pp. 50-61)

PENNA, Maura. *O que faz ser Nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erudina*. São Paulo; Cortez, 1992.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Tradução de Vera Ribeiro. Salvador: Pallas, 2003.

SANT'ANA, Maria de Lourdes. *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia, 4)

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *História dos ciganos no Brasil*. n. 2, Recife, 2000. (Núcleo de Estudos Ciganos: E-texto)

VILA-BOAS. Ático. *Ciganos – Poemas em Trânsito*. Brasília: Thesaurus, 1998.

_____. *Ciganos – antologia de ensaios*. Brasília, Thesaurus, 2004.

WEBER, Marx. *Relações comunitárias étnicas*. In: Weber, M. *Economia e Sociedade*. v. I. Brasília: UNB, Imprensa Oficial, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferenças: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2000. (pp. 7-73)

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.